



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018.

Folkcomunicação e o Festival de Parintins: a cultura negra através das toadas de boi bumbá¹.

Jessica Dayse Matos Gomes²

Renilda Aparecida Costa³

Universidade Federal do Amazonas, Parintins, AM.

Resumo

A toada de boi bumbá é um gênero textual musicalizado que apresenta a cultura e identidade do povo amazônida no Festival Folclórico de Parintins, município do interior do Estado do Amazonas. Entendendo a toada como linguagem que trata sobre diferentes contextos, entre eles, dos marginalizados, analisamos a presença negra em Parintins nas toadas de boi-bumbá através do método da folkcomunicação mostrando como a cultura afro é representada nas letras do referido gênero. O estudo se concentra nas toadas que compõem os CDS de 2012, 2016 e 2017 com base nos aportes teóricos sobre presença negra no Amazonas e Folkcomunicação. Também realizamos entrevistas com compositores de toadas para conhecer o contexto de suas obras e a folkcomunicação da cultura negra através das toadas do Festival Folclórico de Parintins. Entende-se que os compositores de toadas demonstram em suas obras a riqueza da cultura negra, repudiando o racismo e o silenciamento da presença africana na Amazônia, tornando-se agentes folk da população negra, sobretudo em Parintins.

Palavras-chave: presença negra; identidade; compositores; folkcomunicação; cultura.

INTRODUÇÃO

Em Parintins, município localizado a cerca de 369 km em linha reta de Manaus, capital do Estado do Amazonas é realizado um Festival Folclórico onde as diferentes manifestações culturais da Amazônia são apresentadas, entre elas, a cultura de matriz africana.

Ainda mantendo destaque a identidade ligada à cultura indígena na região, a festa dos bois bumbás Garantido e Caprichoso tem nos últimos anos apresentado com crescente evidência as influências africanas na cultura regional, ainda que haja estranhamento no que se refere a abordar a presença negra no Estado do Amazonas.

Sobre a cultura afro em Parintins assim como no Estado do Amazonas é importante salientar que mesmo sabendo de sua importância na formação sociocultural amazônica - tal como em

¹ Artigo apresentado no GT 2: Expressões da folkcomunicação na cultura popular, no XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação – FOLKCOM, realizado de 25 a 27 de junho no Campus da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) em Parintins (AM)..

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA da Universidade Federal do Amazonas – UFAM e professora da rede estadual de Ensino – SEDUC/AM. E-mail: dayse_hinata@hotmail.com.

³ Doutora em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos/ UNISINOS. Professora do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018.

âmbito nacional-, a presença negra em domínios parintinenses é tratada em segundo plano, ainda que se possuam registros quantitativos em algumas literaturas locais.

A cultura negra em Parintins parece não ter sido significativa, uma vez que os registros são limitados e pouco divulgados, que na zona rural do município exista um distrito chamado Mocambo, mas não reconhecido pelos comunitários como território de remanescentes quilombolas.

Neste artigo discute-se a toada como linguagem que trata sobre diferentes contextos amazônicos, entre eles os negros marginalizados, silenciados nas literaturas locais e colocados como subalternos na História Regional.

A proposta de analisar a presença negra ilustrada nas letras das toadas - músicas apresentadas no Festival Folclórico de Parintins, realizado anualmente no último final de semana de junho – se intercala com as teorias da Folkcomunicação, conjunto de procedimentos da comunicação que disseminam, sociabilizam ou modificam as diferentes manifestações culturais. Propõe-se analisar a folkcomunicação da presença negra em Parintins através das letras das toadas mostrando como a cultura afro é representada nos textos do referido gênero. Dois compositores contribuíram para este estudo através de narrativas gravadas em entrevistas conforme a técnica da História Oral, “recurso moderno usado para a elaboração de registros, documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e grupo” (MEIHY, 2011, p. 17).

Nesse sentido, o presente estudo se divide em duas partes: i) a apresentação dos registros feitos sobre a presença negra em Parintins e ii) onde se discute a presença negra nas toadas de boi bumbá de Parintins relacionado com as teorias da Folkcomunicação, mostrando como os compositores locais veiculam nas toadas os anseios dos afro-brasileiros não somente de Parintins, mas do âmbito regional.

Presença negra em Parintins: registros históricos

Nos últimos anos, pesquisas realizadas em documentos como relatórios, livros de ofícios, livros de batismo, obituários, jornais, entre outras fontes de séculos passados tem dado destaques aos negros na região amazônica. Com relação a Parintins, pesquisadores tem se preocupado em buscar mais informações sobre a história e cultura afro, enfatizando dados que não se limitam ao quantitativo de negros cativos na região.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018.

Na região do Baixo Amazonas, mais precisamente na área correspondente ao município de Parintins, a presença negra parece ter sido silenciada durante muito tempo, uma vez que nesta região, mesmo existindo comunidades denominadas Mocambo do Arari, Mocambo do Mamurú, Terra Preta, ao se realizar pesquisas sobre essas localidades, não se encontra diversidade de documentos ou mesmo grandes afirmações sobre a presença negra no território parintinense e em seu entorno. Nas comunidades, a história que seus moradores conhecem muitas vezes não é coerente ou são cheias de lacunas com relação aos indícios de presença africana em seu território.

As comunidades com denominações que expressam ligação com a cultura negra – ou que, pelo menos dão a entender ter considerável relação – ressentem de pesquisas mais aprofundadas sobre a história e constituição cultural de seus comunitários. Ao realizarmos pesquisas in loco para reconhecimento do território por meio de observações, encontramos a reprodução de uma história oficial comum, em muitos aspectos, entre as comunidades.

Saunier (2003), memorialista nascido em Barreirinha e pesquisador do município de Parintins, destaca em seu livro *Parintins: memória dos acontecimentos históricos* dados quantitativos de negros escravizados no território de Tupinambarana, como é conhecida Parintins no século XIX e comumente chamada nos dias atuais. Segundo sua pesquisa:

Os primeiros escravos introduzidos em Parintins vieram com José Pedro Cordovil em 1796. Em 1848, havia 77 escravos. Em 1856, o número elevou-se para 180. Em 1859, tinha 192. Em 1861, subiu novamente para 263. Em 1869, caiu para 149. Em 1873, existiam somente 80. Em 1877, subiu para 117. Em 1881, eram 134. Em 1884, a Província do Amazonas aboliu a escravidão. Nesse ano, Parintins possuía 132 escravos. Desse total, o Cel. José Furtado Belém libertou 30, e o Cel. Antônio Guerreiro Antony, viajou de Manaus a Parintins, libertando o restante, 102 escravos (SAUNIER, 2003, p. 55):

Conforme Braga (2007), o povoado Tupinambarana foi fundado em 1796 por José Pedro Cordovil, capitão de milícias que desenvolveu a agricultura com negros, agregados e índios; logo, o uso do termo “escravos” pode denotar tanto negros como índios, favorecendo a inexistência do quantitativo de negros introduzidos no território que seria posteriormente Parintins.

Na VI parte do livro de Antônio Bittencourt (2001, p. 77), o autor afirma que “Parintins também participou do legado que a metrópole portuguesa instituiu no Brasil: a escravidão”. Já Valentin (2005, p. 84) considera que “convém ressaltar que a Cordovil é atribuído o início



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018.

da colonização oficial da ilha, uma vez que foi o primeiro a ali se implantar, inclusive com escravos africanos e servidores portugueses”.

Estudos que vêm sendo destaque nos diversos campos das ciências Humanas e Sociais encontram nos documentos, notícias de jornais e narrativas de antigos moradores de comunidades e centros urbanos, evidências sobre negros na região de Parintins. Reis (1967) identifica em suas pesquisas que no ano de 1805 existiam mocambos compostos por negros e índios que resistiam ao trabalho escravo. Tais mocambos eram denominados de *bandos da Missão de Vila Nova* (REIS, 1967; BRAGA, 2011) que Saunier também cita registrando que, no mesmo ano de 1805, “bandos da missão de Vila Nova abandonaram-na, formando mocambos” (SAUNIER, 2003, p. 24).

Em 15 de outubro de 1852, cumprindo a lei paraense de 14 de março de 1848 que precisou de ajustes durante quatro (quatro) anos, Vila Nova da Rainha (Parintins) é elevada a categoria de vila e município, com o nome de *Vila Bela da Imperatriz*, sendo dividido em dois distritos: Parintins e Ilha das Cotias. Dentro do distrito Parintins existia os subdistritos: Parintins, Macurani, Paraná do Ramos, Uaicurapá, Serra de Parintins, Paraná do Limão, Paraná do Xibuí e Parananema. E, ao distrito de Ilha das Cotias pertenciam: Ilha das Cotias, Aduacá, Xixiá, Sapucaia, Cranari, Costa do Jacaré, Caldeirão, Bom Jardim, Nhamundá, Paquiri, Paratucá, Barão, Jatuarana, Mutungu, Espírito Santo e Cabori (SAUNIER, 2003).

Um dos distritos de Parintins, não identificado, é relatado por Souza (1988, p.123):

Na margem direita do rio Mamurú, já muito acima da sua foz e no distrito de Vila Bela da Imperatriz há um lugar denominado Forca. Semelhante denominação lhe proveio do seguinte fato. Tendo por ali aparecido alguns escravos fugidos, ocultaram-se nas matas, que naquelas paragens julgaram próprias para um mocambo. Receosos da vizinhança destes hóspedes reuniram os índios habitantes do rio e dando um assalto ao lugar aprisionaram os escravos em número de 6. Para evitarem as delongas da justiça, colocaram em ato contínuo uma travessa entre duas árvores e ali foram enforcados os seis infelizes, que bem caro pagaram o arrojo de quererem gozar da liberdade que receberam das mãos do Criador. Os moradores das circunvizinhanças ainda olham com horror para o sítio e as árvores, testemunhas daquelas cenas de sangue e de barbárie.

Souza (1988) afirma que os mocambos eram grandes atrativos para escravos e que existiam mais de 2.000 escravos fugidos vivendo nos mocambos do Trombetas em Óbidos e de Curuá, em Alenquer. Nesses redutos eles cultivavam a mandioca e o tabaco de alta qualidade; colhiam castanha, salsaparrilha, entre outros produtos que esporadicamente comercializavam



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018.

com os regatões às escondidas no porto de Óbidos, aonde chegavam de canoas à noite. Muitos consideravam os mocambos como algo maléfico para o bem comum, conforme pondera Souza:

E, pois além da grande falta de braços com que lutam os agricultores do Amazonas, em consequência da avulta da emigração que afluem para os seringais, tem ainda de lutar com a praga dos mocambos, que são com uma viva e permanente ameaça! (1988, p. 96)

A ameaça dos mocambos era um grande problema para as autoridades da região, em virtude da organização que os negros desenvolveram e a permanência de seus mocambos, que foram muito além da abolição da escravidão. Os mocambos eram vistos pelas autoridades provinciais como exemplo da rebeldia e criminalidade dos negros e isso os configurava como “praga” na concepção de muitos habitantes do território amazônico.

Na região de Parintins, os “insubordinados” também resistiam, rebelavam e fugiam para conquistar sua liberdade, mas sempre eram tidos como ameaças. Cavalcante (2013, p.25) apresenta registros sobre os fugitivos que demonstram a presença negra no Amazonas, conforme documentos que possuem dados e relatos como este:

Felipe “preto retinto, idade 22 anos, dentes partidos, tem sinais de surra”, conhecia algo daqueles furos, rios e igarapés. Em 1847, já havia fugido em direção a Comarca do Amazonas. Guardava na memória os tempos de resistência e liberdade vividos “ainda rapaz, sem barba, em Vila Nova da Rainha”, tocando sua guitarra. Na área próxima ao rio Urubu, região de “todo deserto”, as taperas das abandonadas freguesias” serviam de mocambos a escravos fugidos²³. Felipe podia guardar as antigas amizades quilombolas, protetores de fugas (açoutadores, dir-se-á), solidários por certo⁴.

A descrição do negro Felipe mostra que houve presença negra em Parintins anteriormente denominada Vila Nova da Rainha. Este nome é devido a ilha de Tupinambarana ter sido aceita e elevada em 1803 à categoria de Missão Religiosa, pelo Capitão Mor do Pará, Conde dos Arcos, que encarregou frei José das Chagas como administrador do lugar, o qual recebeu o nome de Vila Nova da Rainha, e, muitos anos depois essa missão se tornaria Parintins.

⁴ SOUZA, Francisco Bernardino de. **Lembranças e curiosidades do Vale do Amazonas**. Manaus: Associação Comercial do Amazonas/Fundo Editorial, 1988, p.181.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018.

Com relação à área distrital pertencente ao município de Parintins, há indícios de que em sua região houve espaços de fuga, e as pesquisas evidenciam ainda mais isto. Conforme pode ser entendido na citação abaixo:

Cidades do interior, como é o caso de Vila Bela da Imperatriz (Parintins), também foram marcadas pela cultura escrava, pela resistência. Exemplo disso pôde ser verificado quando um de seus quarteirões era reconhecido, inclusive pelas próprias autoridades policiais, como “quarteirão do mocambo”, isto é, sua própria urbanidade estava atravessada pela resistência dos escravos, pela cultura dos fugitivos. A busca por autonomia marcava também as bases de uma sobrevivência cultural cuja lógica dava outros significados ao registro oficial para o espaço urbano. (CAVALCANTE, 2013, 140)

Os mocambos então se formaram como lugares da realização da liberdade tão sonhada pelos negros que sofriam com a escravidão. Por outro lado, foram visados como incômodo aos administradores das províncias. A esse respeito, Pinheiro (1999) considera que:

Em meados do século XIX, mesmo depois de toda a violenta repressão empreendida para sufocar o movimento cabano, do qual os escravos negros tomaram parte, os mocambos, já proliferados por todo o baixo Amazonas, tornaram-se alvos prioritários nas preocupações das autoridades provinciais (PINHEIRO, 1999, p. 158).

Na região de Parintins, pesquisas apontam umas áreas denominadas hoje “mocambo” como território de conflitos. Segundo o Ofício da Delegacia de Polícia de Vila Bela da Imperatriz de 3 de novembro de 1862⁵ para o Chefe de Polícia da Província Dr. Caetano Estelita Cavalcante Pessoa, um escravo chamado Maximiano José, de aparência mulata, apresentava ter trinta anos, sem barba, boa altura, sendo oficial de alfaiate, fugia há vários meses e encontrava-se no “Quarteirão do Mocambo”, distrito de Vila Bela da Imperatriz (Parintins), para onde várias diligências foram enviadas com o objetivo de capturá-lo. Segundo Cavalcante (2013) e Gomes (2006) o “Quarteirão do Mocambo” constituía o típico “campo negro”, onde havia conflitos, solidariedades e proteção.

A pesquisa de Cavalcante aponta importantes registros da presença negra na região de Parintins.

⁵ Ofício da Delegacia de Polícia de Vila Bela da Imperatriz de 3 de novembro de 1862 para o chefe de polícia da Província Dr. Caetano Estelita Cavalcante Pessoa. Livro de Ofícios da Secretaria de Polícia de 1862. Arquivo Público do Estado do Amazonas.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018.

Em Vila Bela da Imperatriz o escravo Maximiniano José, “mulato, 30 anos, sem barba, alto, oficial de alfaiate” vivia fugido há mais de dez meses no “Quartirão do Mocambo”, distrito desta Vila, para onde várias diligências haviam sido enviadas a fim de captura-lo¹². Esses lugares constituíam o típico “campo negro”: lugar de conflitos, solidariedades e proteção que marcavam o cotidiano¹².

Os indícios de presença negra na região de Parintins no que diz respeito a territórios de amocambados ainda ressentem de mais pesquisas, mas há a presença negra nas manifestações culturais parintinenses e alguns registros nas literaturas memorialistas locais.

O folclore de Parintins, especialmente, o boi bumbá - uma das mais reconhecidas manifestações amazonenses - tem sua gênese e desenvolvimento ligados à cultura negra, com a ênfase de que os fundadores dos bois serem descendentes de negros nordestinos e elementos que reafirmam a ligação com a cultura afro como: marujada, batucada, homenagem a São Benedito, entre outros indícios e afirmações que os bois manifestam. Para Valentin:

vale ressaltar que a presença de negros no médio Amazonas, mesmo pequena, influencia o surgimento e a própria evolução do boi-bumbá na região [...] o bumba meu boi do Maranhão, trazido para a região pelos migrantes da seca, encontrou aqui não só um folguedo parecido, como também através do convívio com os negros, a identificação com o seu ritmo e sua música (2005, p. 86).

No livro *Boi Garantido de Lindolfo* de Dé Monteverde e João Batista Monteverde, os autores relatam que a trajetória de Lindolfo Monteverde, fundador do Boi Garantido começou com chegada em Parintins de Germana da Silva, descendente de negros da costa da África no século XIX. Esta chega à Ilha Tupinambarana por volta do ano de 1820 com as marcas da escravidão que lhe afligira e após alguns anos casa-se com Alexandre Monte Verde da Silva, com quem tem uma filha: “Alexandrina Monte Verde da Silva, nascida em 20 de dezembro de 1864” (MONTEVERDE, 2003, p.11).

Alexandrina foi mãe de Lindolfo Marinho da Silva, conhecido posteriormente como “Lindolfo Monteverde, o criador do Boi Garantido”, nascido em 02 de janeiro de 1902, fruto de seu relacionamento com um homem chamado Marcelo.

Com relação ao Boi Caprichoso, muitas histórias tentam explicar sua origem, sendo uma das mais conhecidas e relatadas por antigos moradores de Parintins de que existem ligações entre o Boi Caprichoso e a Praça 14 de Janeiro em Manaus (bairro onde se localiza o Quilombo do Barranco), dando a entender de que o Coronel José Furtado Belém teria trazido o Boi



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018.

Caprichoso da Praça 14 para brincar em Parintins em 1913, sendo que esse bumbá teria “nascido em Manaus” em 1912 (SAUNIER, 2003, p. 206).

A cultura negra no Amazonas, em partícula, em Parintins ainda vem sendo revelada, com limitados enfoques em algumas áreas, mas com grande impulso, em virtude das lutas de remanescentes quilombolas e discussão sobre diferenças culturais. Deve-se considerar, portanto, sua relevância na Amazônia de forma ampla e destituir quaisquer equívocos provenientes da falta de conhecimento sobre as vivências afro no território amazônico.

Folkcomunicação, presença negra e as toadas de boi bumbá de Parintins

O professor e jornalista Luiz Beltrão lançou a disciplina Folkcomunicação no final da década de 1960 para estudo dos “impactos midiáticos das manifestações culturais das classes populares”, uma vez que essas classes também são marginalizadas no meio social (BREGUÊZ, 2002).

A Folkcomunicação tem se tornado cada vez mais presente na grande demanda de estudos culturais realizados no território brasileiro. Entende-se que a metodologia fundamentada por Luiz Beltrão tem

[...] não é, pois, o estudo da cultura popular ou do folclore, é bom que se destaque com clareza. A folkcomunicação é o estudo dos procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular ou folclore se expandem, se sociabilizam, convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação massificada e industrializada ou se modificam quando apropriadas por tais complexos (HOLHFELDT, 2002, p.25).

Há vários tipos de processos da folkcomunicação pelos quais as manifestações da cultura popular se desenvolvem, entre eles se encontra a toada que é entendida como “o canto de boi-bumbá [...] um ritmo afro-brasileiro, mistura contagiante do samba, marcha e cateretê” (SAUNIER, 1989, p. 33).

Sendo a toada à música cantada no Festival Folclórico de Parintins, não se nega a contribuição negra em sua constituição, ainda assim, a festa dos bois ainda apresenta a cultura afro de forma acanhada, denotando a necessidade de aprofundar a exploração da contribuição afro-brasileira na festa parintinense. Sobre a função da toada no Festival de Parintins, o produtor cultural e compositor de toadas Marcos Moura afirma que:



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018.

Bem, a toada é, no momento, na contemporaneidade, ela é o fim condutor do Festival, de um festival amazônico. A toada é grande responsável pelas reflexões, pelas aprendizagens, pelos discursos, pelos rumos que esse Festival pode tomar. Então a toada é a mãe das demais artes presentes no Festival Folclórico de Parintins, que começou com uma cultura tradicional, popular e se espetacularizou numa conjuntura de indústria cultural, de cultura de massa, mas ao mesmo tempo, numa batalha continua como dizia o Wilson Nogueira “entre a satisfação de brincar e a ambição de vender”. Eu acho que esse equilíbrio, cada um de nós, compositores, agentes, produtores desse espetáculo tem que posicionar como educadores acima de tudo, cidadãos críticos para que a gente possa oportunizar tudo isso que o Festival proporciona ao Amazonas, em particular, a Parintins, que muitas políticas públicas vieram por conta do Festival. A cultura é o grande carro chefe e pra além de ser uma grande referência, ser uma grande vocação do município de Parintins, o festival tem essa função. Então a toada acaba sendo a responsável da formação de uma consciência coletiva⁶.

Neste sentido, compositores dos bumbás têm apresentado obras que enfatizam a cultura, a luta e resistência do povo negro, mostrando que as toadas podem ser um canal para manifestar os temas mais importantes da história e cultura afro tanto no âmbito local, como em outros territórios.

Para Azevedo e Simas (2015, p. 51) “as letras das toadas transmitem um conhecimento popular, um saber cultural do povo que criou este tipo de texto. Assim, entender suas letras é uma tarefa que ajuda a compreender a identidade povo amazônida”.

A cultura africana é essencial para a constituição identitária amazonense e as toadas de boi bumbá trazem mensagens que caracterizam a Folkcomunicação, metodologia de troca de informações e mostras de opiniões, conceitos e costumes da massa, por meio de agentes e elementos ligados direta ou indiretamente ao folclore (BELTRÃO, 2007; MACIEL, 2011; SOUZA E PEDROSA, 2012).

Os compositores de toadas estão ligados diretamente ao folclore e através das letras das canções apresentam concepções sobre a realidade dos marginalizados, tal como a cultura negra era tratada no contexto do Festival de Parintins até o ano de 2017, quando a matriz africana passa a ter maior destaque em alguns momentos da apresentação dos bumbás na arena do Bumbódromo⁷.

Para Beltrão (1980) os agentes-comunicadores utilizam o canal que dispõem e da qual tenham conhecimento para apresentar em suas mensagens as vivências, necessidades e anseios de seu

⁶ Entrevista realizada em maio de 2018 na Cidade Garantido, Parintins.

⁷ Local onde acontecem as apresentações dos bois-bumbás Garantido e Caprichoso durante o Festival Folclórico de Parintins.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018.

público, sendo que, os compositores se tornam esses agentes quando exprimem os anseios do grupo afro-brasileiro.

Ainda que na contemporaneidade a toada seja composta de diferentes sons oriundos de vários instrumentos, em seus primeiros períodos de entoação apenas a voz do repentista bastava. O pescador Lindolfo Monteverde, criador do Boi Garantido, descendentes de negros maranhenses tinha um cantar forte e genuinamente popular, sendo que foi influenciado pela literatura de cordel (MONTEVERDE, 2003). Lindolfo utilizou a toada para vocalizar seus pensamentos e emoções assim como outros poetas populares também fizeram, pois, conforme Beltrão (1980) grupos rurais ou urbanos marginalizados usam formas de expressão para demonstrar seu pensar e sentir (CARDOSO E NEVES, 2013).

Pensamentos e emoções marcam as letras das toadas, conforme se pode visualizar em obras como Quilombolas da Amazônia composta por Enéas Dias, João Kennedy e Marcos Boi, que faz parte do conjunto musical apresentado pelo Boi Garantido no ano de 2017:

Meu canto é altivo e libertário
Ritmado a tambores e xequerês
Toada de luta pela igualdade racial
Emancipação do povo meu
Celebra a vida dos Griôs do saber
Voa, voa, voa
Voa meu canto cangoma
Voa, voa, voa
Nessa batucada do meu boi-bumbá
Voa, voa, voa
Meu verbo alado é Samsa Kroma
Voa, voa, voa
Pássaro da liberdade Iorubá
Somos quilombolas da Amazônia
Negros e cafuzos dessa região
O Boi Garantido festeja seu povo pulsando a mãe-África no coração
Mocambo é morada do sonho cabano
Navega nas águas do nosso rio-mar
Erepecurú, Madeira, Trombetas, Negro, Tapajós, Andirá
Sou do São José!
São Benedito, Verequete, sou do carimbó, lundu e sirιά
Retumbão, cordão de pássaro, Marambiré, Marabaixo e boi-bumbá
Voa, voa, voa
Voa bem alto e faz brilhar
Voa, voa, voa
No negro céu da consciência
Voa, voa, voa
A constelação da resistência



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018.

Voa, voa, voa
Refletida em cada olhar
Trago a herança ancestral de gerações oprimidas
Resistência e força brasileira da matriz africana
Anunciando um novo tempo de liberdade e esperança!

A letra da toada trata sobre a resistência dos quilombolas através da luta, das manifestações culturais. Para o compositor Enéas Dias a obra:

Fruto de muita pesquisa dos quilombos por perto, como Barreirinha e Oriximiná, aquela vontade mesmo de falar dessa questão que tá na formação da nossa cultura, da nossa identidade, do nosso DNA mesmo essa questão negra que às vezes o boi esconde como se o negro não tivesse participação nenhuma na nossa formação. E ele está totalmente “entranhado”⁸.

Assim, os compositores acabaram trazendo na música uma chamada de atenção e reflexão para a presença negra na Amazônia, se tornando assim um arauto de esperança para o reconhecimento de uma Amazônia negra, sem estranhamentos em relação à matriz africana. Assim como Lindolfo Monteverde foi o comunicador folk do início e desenvolvimento da brincadeira de boi com suas toadas e versos ricos, os compositores da atualidade tem comunicado por meio da toada à contestação ao Festival que só apresenta cultura indígena e europeia, deixando a contribuição negra em segundo plano.

Na atualidade o comunicador folk é um ativista que usa meios comunicativos para introduzir a cultura folk na mídia, fazendo a manifestação popular ter valor midiático, além de contribuir para uma visão de ampla abrangência da cultura popular, para além do âmbito local (TRIGUEIRO 2008). Marcos Moura destaca que cada compositor, agente ou produtor do Festival Folclórico “tem que posicionar como educadores acima de tudo, cidadãos críticos para que a gente possa oportunizar tudo isso que o Festival proporciona ao Amazonas, em particular, a Parintins, que muitas políticas públicas vieram por conta do Festival”. O compositor quer dizer que as toadas contribuem para ressignificações da presença negra na consciência coletiva dos parintinenses e para além deles, uma vez que o Festival é espetacularizado com ampla divulgação nas mídias de diferentes âmbitos.

No cerne do boi-bumbá está Mãe Catirina e Pai Francisco, representantes da cultura negra, condutores de todo o momento simbólico que é a morte e ressurreição do boi mais amado pelo dono da fazenda. É o desejo de Catirina pela língua do boi que leva Francisco a matar o animal preferido. O fundamento que conduz o auto do bumbá é elucidado na seguinte toada:

⁸ Entrevista realizada em outubro de 2015 no Liceu de Artes e Ofícios Cláudio Santoro, unidade Parintins.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018.

Ao som desse negro batuque
Te envio à guerrear
Mãe Catirina tinhosa
Pai Francisco e Gazumbá
Se ela comer essa língua pra desejo saciar
Boto fé no pajé curandeiro pro meu boi ressuscitar.

A composição Auto do Boi, de Enéas Dias e Marcos Boi trouxe ênfase para o núcleo da brincadeira de boi bumbá na Amazônia dentro da arena do Bumbódromo. A toada contribuiu para que a associação folclórica explorasse o auto do boi, mostrando os negros como condutores iniciais de todo o enredo apresentado pelo bumbá. Já no ano de 2016, Pai Francisco e Catirina são evidenciados novamente e chamados a uma apresentação mais centrada, sem tantas atitudes caricatas e simplistas. A toada abaixo expõe a nova abordagem e desenvolvimento do auto do boi:

Amo do boi: Ê vaqueiro, fama real
Chamo, ninguém me responde
Olho, não vejo ninguém
Quero saber quem tirou a língua do meu boi
Não sei ao certo, mas desconfio quem foi.
Vaqueiro: Pronto, senhor meu amo
Desculpa a demora, mas aqui estou
Estava no campo de Mazagão
À procura do seu boi
Pelejei, mas não encontrei nenhum rastro pelo chão
Perdoe, senhor meu amo
Já parti meu coração
Amo: Reúna os caboclos e a vaqueirada
Pra capturar tinhoso matador
E traga amarrado o pai Francisco
Que ele vai pagar com sua dor.
Vaqueiro: Pronto, senhor meu amo
Eis o fugitivo e sua mulher
Que está prenha e comeu a língua do boi
Seu desejo não ficou pra depois, depois.
Amo: Diga, pai Francisco
Por que matou meu boi?

Pai Francisco: Não quis matar
Eu só queria a língua tirar
Pra desejo saciar
E Catirina não me apurrinhar
Dizendo que o nosso filho com cara de boi ia chegar.
Amo: Olha, seu cabra, paciência acaba
Tiro vida, sangue e ponta de barba
Caso não dê jeito no mais afamado touro do lugar.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018.

Pai Francisco: Não se apoquente, meu patrão

Vou resolver essa questão

Vou chamar o curador poderoso pajé.

Rufa tamurá!

Balança maracá!

Rufa tamurá!

Balança maracá!

Amo: Urrou o meu novilho

Meu amado garantido

O meu povo está em festa

Viu meu boi ressuscitar

Boi, boi, boi, boi

Boi, boi, boi, boi

Tradição da festa de boi-bumbá

Boi, boi, boi, boi

Boi, boi, boi, boi

Essa tradição vamos celebrar.

A toada apresenta a encenação da morte e ressurreição do boi, com o estilo de literatura de Cordel, de forma mais aprofundada do que a versão realizada em junho do ano de 2012. O destaque dado aos personagens negros em 2016, sobretudo ao Pai Francisco deu direito a falas ao mesmo, o que não ocorria até então na arena do Bumbódromo.

Pai Francisco, Mãe Catirina e Gazumbá eram ou ainda são apresentados como personagens caricatos na celebração folclórica do boi, são itens que não pontuam na avaliação dos jurados do Festival Folclórico de Parintins.

Entende-se que a representação que se tem dos negros no auto do boi bumbá realizado na arena do Bumbódromo de Parintins deve desenvolver maiores reflexões e compreender ressignificações de forma coerente com a contribuição afro na manifestação popular local assim como em outras.

Considerações Finais

As toadas de boi bumbá trazem mensagens folkcomunicativas com informações, opiniões, conceitos e atitudes da massa. Essas mensagens vêm sendo veiculadas tanto oralmente (como desde sua gênese foi feita) como através das rádios locais, televisão e, meios digitais.

Os compositores tornam-se agentes do folclore quando exprimem opiniões e anseios dos grupos marginalizados através das letras e música de suas obras, mostrando que é necessário suscitar discussões sobre a presença negra na Amazônia e sobre a forma como é apresentada a contribuição afro-brasileira na arena do Bumbódromo de Parintins. Esses artistas do âmbito musical tem sido os agentes folk da população afro-brasileira, sobretudo em Parintins.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018.

Os compositores de toadas de boi bumbá têm apresentado obras que fazem a demonstração da riqueza da cultura negra, que contestam e repudiam o racismo, o silenciamento da presença africana na Amazônia.

Com toda a luta do Movimento Negro em diferentes partes do Brasil e implementação das leis 10.639/2003 e 11.645/08 a cultura e ativismo negro em prol à valorização e respeito pela cultura afro-brasileira tem sido intensificado nos últimos anos em diferentes espaços sociais. A própria indústria cultural tem divulgado a importância dos negros na constituição do Festival Folclórico de Parintins, o que é perceptível na dramatização e número de toadas produzidas nos últimos anos abarcando a temática negra para ser explorada nas apresentações dos bumbás.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Juliana Batista e SIMAS, Hellen Cristina Picanço. Amazônia nas toadas do boi-bumbá Garantido. RELEM – Revista Eletrônica Mutações, Universidade Federal do Amazonas, julho-dezembro, 2015.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação, de fatos e expressões de ideias.** Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

_____. **Folkcomunicação: teoria e metodologia.** São Bernardo do Campo: Umesp, 2004.

BITTENCOURT, Antônio Clemente R. Memória do Município de Parintins: **estudos históricos sobre sua origem e desenvolvimento moral e material.** Manaus: Edições do Governo do Estado do Amazonas / Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto, 2001.

BREGUÊZ, Sebastião Geraldo. Os estudos de folkcomunicação hoje no Brasil. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

BRAGA, Sérgio Ivan Gil. **Danças e andanças de negros na Amazônia: por onde anda o filho de Catirina?** In: O fim do silêncio: presença negra na Amazônia/ Patrícia Melo Sampaio (Organizadora). – Belém: Editora Açaí; CNPq, 2011.

_____. Festas religiosas e populares na Amazônia: cultura popular, patrimônio imaterial e cidades. In: Centro de Estudos Sociais - Universidade de Coimbra. (Org.). Oficinas do CES. 2007, v. 288, p.

CARDOSO, Yasmin Ribeiro Gatto; NEVES, Soriany Simas. Evidências folkcomunicacionais e folkmidiáticas no boi de Rua de Parintins. **Revista Eletrônica Mutações**, [S.l.], v. 4, n. 7, ago. 2013. ISSN 2178-7018. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufam.edu.br/relem/article/view/562>>. Acesso em: 23 maio de 2018.

CAVALCANTE, Ygor Olinto Rocha. **Uma viva e permanente ameaça: resistência, rebeldia e fugas de escravos no Amazonas Provincial.** 2013. 162 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018.

GOMES, Flávio dos Santos. **“No labirinto dos rios, furos e igarapés”: camponeses negros, memória e pós-emancipação na Amazônia, c. XIX-XX.** Ed. by unisinos; 10 (3): 281- 292 Setembro/Dezembro 2006. Disponível em:
http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/pdfs_historia/vol10n3/art_04_gomes.pdf.

HOHLFELDT, Antônio. Folkcomunicação: positivo oportunismo de quase meio século. In: **Anuário Unesco/Umesp de Comunicação para o Desenvolvimento Regional**, v. 1, n. 5, São Bernardo do Campo, SP, 2002.

MACIEL, B. Rede de estudos e pesquisas em folkcomunicação. Rede Folkcom: história e perspectivas de um novo campo do saber. CONGRESSO MUNDIAL DE COMUNICAÇÃO IBERO-AMERICANA – CONFIBERCOM, 1., 2011, São Paulo. **Anais...** Disponível em: <<http://confibercom.org/anais2011/pdf/50.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2012.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; Holanda, Fabíola. **História Oral: como saber, como pensar.** 2ª ed. 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2011.

MONTEVERDE, Dé; MONTEVERDE, João Batista. **Boi Garantido de Lindolfo.** Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas; Secretaria de Estado da Cultura; Editora da Universidade Federal do Amazonas e Universidade do Estado do Amazonas, 2003.

PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. **De mocambeiro a cabano: Notas sobre a presença negra na Amazônia na primeira metade do século XIX.** Terra das Águas: Revista de Estudos Amazônicos, v. 1, n. 1, p. 148-172, 1999.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. A Formação Espiritual da Amazônia. In: **Revista Cultura**, ano I, n. I, Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, p. 97-118, 1948.

SAUNIER, Tonzinho, **Memórias dos acontecimentos Históricos.** Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas, 2003.

_____. O magnífico folclore de Parintins. Manaus: Casa Civil, 1989.

SOUZA, Francisco Bernardino de. **Lembranças e curiosidades do Vale do Amazonas.** Manaus: Associação Comercial do Amazonas/Fundo Editorial, 1988, p.181.

SOUZA, Alênicon Pereira de; PEDROSA, Ana Paula da C. Amorim. O paradigma da Folkcomunicação: estudo de caso à luz da teoria de Beltrão, Trigueiro e Hohlfeldt. Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional, Ano 16 n.16, p. 79-87 jan/dez. 2012

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **Folkcomunicação e ativismo midiático.** João Pessoa: Editora universitária da UFPB, 2008.

VALENTIN, Andréas. Contrários: a celebração da rivalidade dos Bois-Bumbás de Parintins. Manaus: Valer, 2005.

Fontes orais:

Entrevista realizada com Enéas Dias, compositor e músico da Associação Folclórica Boi Bumbá Garantido, em outubro de 2015.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018.

Entrevista realizada com Marcos Moura, compositor, produtor cultural e folclorista da Associação Folclórica Boi Bumbá Garantido, em maio de 2018.

Toadas citadas, autores, seus respectivos CDS e ano:

Auto do Boi Garantido. Composição de Enéas Dias, Marcos Boi, Mario Andrade e João Kennedy. Celebração, Boi Garantido, 2016.

Quilombolas da Amazônia. Composição de Enéas Dias, João Kennedy e Marcos Boi, Magia e Fascínio no coração da Amazônia, Boi Garantido 2017.

Auto do Boi. Composição de Enéas Dias e Marcos Boi. Tradição, Boi Garantido, 2012.